

# A política da desilusão

Alexandra Barahona de Brito\*

*O que se passa na América Latina? Motins em Buenos Aires, a mais “europeia” das capitais da região; dezenas de mortes na Bolívia, onde manifestantes contra a privatização do gás enfrentam polícias cuja actuação faz lembrar os tempos do ditador Banzer; greves até à paralisia na Venezuela, que estranhamente aliam empresários e trabalhadores contra um déspota eleito, que depois manipula um sistema judicial que não lhe dá razão...*

Parece que muitos acordam hoje para uma realidade conturbada, que contrasta com o optimismo económico e as esperanças de progresso político que viram da última vez que “olharam para lá”. O que se passa na América Latina não é, no entanto, uma grande mudança em relação aos anos 90, mas sim a ausência de algumas mudanças de base que teriam sido necessárias para reforçar a fé na democracia da população da região.

Tal como o resto do mundo, a América Latina viveu um breve período de fim da história. Até se pode dizer que esse fim começou lá, visto que foi aqui que, nos anos 80, se iniciou a “terceira onda” de democratização que culminou na Queda do Muro de Berlim – o marco do “fim da história”, com a vitória da democracia liberal e do mercado livre. Mas entretanto o mundo perdeu a fugaz esperança de estar a viver o fim da história. O que se passa na América Latina é então o retorno da história, com todo o seu peso.

Que a história está de volta é visível nos resultados do último *Latinobarómetro*, que analisa a opinião pública em 17 países da região em 2003. Embora continue a haver uma maioria que é democrática por convicção, ela é cada vez menor; e este ano 52% dos inquiridos respondeu que sim à afirmação “Não me importava se um governo não democrático chegasse ao poder se pudesse resolver a situação económica”. No Paraguai existe a única maioria regional pró-autoritária, e a corrente no Equador vai nesse sentido. O Uruguai e a Costa Rica continuam a ser os “cantinhos” mais democráticos da região, e a opinião pública tem “melhorado” na Argentina de Kirshner<sup>1</sup>. Também é verdade que a democracia não precisa

de uma crença férrea para florescer – basta que a maioria acredite, como Churchill, que é sistema “menos mau”. O retorno da história na América Latina implica olhar para a ligação perversa ou viciosa que a região tem historicamente demonstrado entre a “estrutura” e a “superestrutura”, para usar termos marxistas já *demodés*.

Foi importante a “redescoberta” da autonomia da política em relação à economia. As

teorias marxistas que as ligavam de forma directa foram desacreditadas com razão. Afinal, é possível ter democracia sem justiça social; e é possível ter ditadura com

prosperidade geral. No entanto, tal como afirmou Juan Linz, teórico que não pode ser acusado de estruturalismo ou marxismo, a democracia depende também da sua eficácia, da sua capacidade para “*deliver the goods*”. E este é um dos problemas históricos da democracia latino-americana: gera expectativas e depois não consegue gerar riqueza com justiça social. De acordo com um estudo do Banco Mundial, a desigualdade não aumentou na década da democracia, mas também não diminuiu: a pobreza e a desigualdade têm raízes muito profundas nas estruturas sociais, políticas, culturais e económicas da região<sup>2</sup>. Ainda não se investiu o suficiente nas áreas cruciais (educação e saúde) de forma a combater este problema de forma eficaz. O dilema é como gastar mais nos domínios certos sem quebrar um ténue equilíbrio fiscal? Como gastar mais sem gerar o populismo?

Estes dilemas centrais de origem económica expressam-se ciclicamente, e assumem contornos distintos em cada país: assim, por exemplo, na Argentina, a crise manifesta-se sempre no colapso do sistema de financiamento das províncias, e dos protestos que daí advêm; na Venezuela, todos os confli-

*É importante manter as atenções viradas para a América Latina – não se pode correr o risco de a esquecer no meio de tanta preocupação com temas “globais” como o terrorismo e as armas de destruição maciça.*

\* Investigadora associada, IIEE.

tos giram em torno do “rei” petróleo; e na Bolívia, onde a prata foi rainha, seguindo-se o reinado do estanho durante quase um século, e por incrível que pareça, é motivo para morrer protestar contra a privatização do gás natural, a mais recente fonte de riqueza nacional. Resumindo, a reforma econômica, o que inclui uma reforma das estruturas do Estado, do sistema fiscal, e das entidades regulatórias dos serviços privatizados, entre outros elementos, não tem sido levada a cabo de forma satisfatória. Assim, o mercado livre é menos aquele que Adam Smith previa que iria criar “a riqueza das nações” e mais um sistema que um indígena no Perú poderia dizer gerador da “riqueza dos patrões”.

Outro problema da democracia latino-americana é a instabilidade gerada pela concorrência entre duas fontes de legitimidade igualmente fortes: os parlamentos (onde a vontade do povo se expressa através dos partidos políticos) e as figuras presidenciais (onde a vontade do povo se incorpora numa pessoa, que muitas vezes “plebiscita” e personaliza a política de forma a ultrapassar as oposições ou os obstáculos do poder legislativo). No Chile de Allende, a legitimidade dual do parlamento dividido entre esquerda e direita e do presidente, é vista por muitos como um dos factores institucionais decisivos que levou à queda da democracia. Actualmente, há motivos para pensar que este conflito gera menos instabilidade do que nos últimos 100 anos. No entanto, existem problemas com o desenho institucional democrático na América Latina que estão por resolver e que produzem conflitos que diminuam a confiança pública no sistema.

A democracia liberal não consiste em boa engenharia institucional, nem tão pouco apenas no governo da maioria: é também o governo pela lei. Podemos dizer que a democracia latino-americana tem tido mais sucesso no que diz respeito à participação da maioria do que na implantação equitativa do Estado de Direito. Na América Latina, nas palavras do sociólogo Roberto da Matta<sup>3</sup>, há os “indivíduos” que estão sujeitos à força da lei e as “pessoas”, que podem evitar a lei pelos contactos que têm com o poder político, social e económico – há quem tenha todos os direitos formalmente concedidos pelos regimes constitucionais e democráticos da região, e há quem não os tenha. Ou seja, usando uma expressão brasileira, “a lei não pega”. Isto tem outra manifestação e

consequência grave: a corrupção. Como diz Roberto Schwarz, estamos num contexto político cultural que combina a modernidade e a ideologia da democracia liberal com a prática do favor<sup>4</sup>. Ser sujeito à “lei do pão”, sem poder recorrer ao “pão da lei”, destino de muitos “indivíduos” na América Latina, pode desgastar o que começa por ser uma nova esperança e fé nos benefícios da democracia liberal. E, parafraseando Lord Acton, se a corrupção corrompe, a corrupção no poder corrompe absolutamente.

Existe ainda outro elemento do novo *Zeitgeist*. Esta já não é a era de fé no fim da história e de esperança liberal-democrática; é a era anti-americana, um sentimento que se tem

manifestado de forma crescente na América Latina. Já não estamos a falar dos tempos em que se dizia “*Yankee Go Home*” ou se chamava “*greenback*” (nome dado ao dólar, e origem do termo “gringo”) aos americanos que patrulhavam cidades caribenhas ou da América Central; estamos a falar dum anti-americanismo que se expressa perversamente numa admiração por Fidel Castro e Hugo Chávez, que duvida da democracia liberal e da economia aberta, que apela

aos caudilhismos locais e aos nacionalismos que são menos ameaçadores para o “Outro” e mais para o “Próprio”, porque se manifestam na história principalmente no autoritarismo.

Então, o que se passa na América Latina? Passa-se a história. Passa-se um novo ciclo de desilusão crescente com democracias que não geram justiça social. É importante manter as atenções viradas para a América Latina – não se pode correr o risco de a esquecer no meio de tanta preocupação com temas “globais” como o terrorismo e as armas de destruição maciça. A América Latina precisa da “boa vizinhança” dos Estados Unidos e da cooperação da UE. Porque se ela anunciou o princípio da terceira onda democrática, poderá ser nela que iremos ver o prenúncio da próxima onda anti-democrática. ■



**A República “Bolivariana” de Hugo Chávez dividiu a América Latina entre populistas e situacionistas. Terá servido o exemplo venezuelano de catalisador político-social para a região?**

<sup>1</sup> Ver reportagem em *The Economist*, 1 Novembro de 2003, p. 53-54.

<sup>2</sup> Ver reportagem em *The Economist*, 8 Novembro de 2003, p. 54, sobre o relatório *Inequality in Latin America and the Caribbean: Breaking with History?*

<sup>3</sup> Roberto da Matta, *Carnavais, malandras e heróis*. (Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990), p. 193.

<sup>4</sup> Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas*. (São Paulo, 1977), pp. 15-16. Este livro analisa as contradições geradas pela justaposição de uma monarquia alicergada na eseravatura e formada pela ideologia liberal.